

A MORTE

A morte na ordem atual de salvação é consequência punitiva do pecado (de fé)

Em seu decreto sobre o pecado original nos ensina o concílio de Trento que Adão, por ter transgredido o preceito de Deus, atraiu sobre si o castigo da morte com que Deus o tinha ameaçado e transmitiu esse castigo a todo o gênero humano. (cf Dz 788; Dz 101, 175).

«Se alguém não confessar que o primeiro homem Adão, depois de transgredir o preceito de Deus no paraíso, perdeu imediatamente a santidade e a justiça em que havia sido constituído; e que pela sua prevaricação incorreu na ira e indignação de Deus e por isso na morte que Deus antes lhe havia ameaçado e com a morte na escravidão e, debaixo do poder daquele que tem o império da morte (Heb 2, 14), isto é, o demônio, e que Adão por aquela ofensa foi segundo o corpo e a alma mudado para pior – seja excomungado.» (Dz 788)

«Se alguém afirmar que a prevaricação de Adão prejudicou a ele só e não à sua descendência; e que a santidade e justiça recebidas de Deus, e por ele perdidas, as perdeu só para si e não também para nós; ou [disser] que, manchado ele pelo pecado de desobediência, transmitiu a todo o gênero humano somente a morte e as penas do corpo, não porém o mesmo pecado, que é a morte da alma – seja excomungado, porque contradiz o Apóstolo que diz: Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte e assim a morte passou para todos os homens, no qual todos pecaram» (Rom 5, 12)» (Dz 789).

Ainda que o homem seja mortal pela sua natureza já que o seu ser está composto por partes distintas, sabemos pelo testemunho da revelação que Deus dotou o homem, no paraíso, do dom preternatural da imortalidade corporal. Mas, no castigo de ter

quebrado a ordem que tinha imposto para o provar, o Senhor infligiu-lhe a morte, com que já antes o tinha intimidado.

«Podes comer do fruto de todas as arvores do jardim; mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que o comeres, certamente morrerás» (Gn 2,16-17)

S. Paulo ensina que a morte é castigo do pecado de Adão:

«Por isso, tal como por um só entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte atingiu todos os homens, uma vez que todos pecaram...» (Rom 5,12) «Portanto como pela falta de um só, veio a condenação para todos os homens, assim também pela obra de justiça de um só veio para todos os homens a justificação que dá a vida.» Rom 5,18 «É que o salário do pecado é a morte;» (Rom 6,23).

O que é a morte?

A morte é a separação da alma do corpo.

O corpo é entregue à terra e aí se desfaz. Regressa ao pó donde saiu. Gn 3,19. Mas a nossa alma, não se desfaz, é imortal. Imediatamente depois da morte, a nossa alma comparecerá perante o Deus vivo Criador supremo de tudo quanto existe e aí será julgada. ***«Está determinado que os homens morram uma só vez, e depois disto será o juízo»*** Heb 9,27.

Pertence ao depósito da fé que a alma é a forma substancial do corpo (Denz 481). Pois bem, na morte rompe-se essa união substancial existente entre a alma e o corpo. O corpo sem o seu principio vital, do qual depende intrinsecamente fica sem vida e converte-se automaticamente em cadáver... Diz a sagrada escritura: ***“Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade, antes que venham os dias da desgraça... Antes que o fio de prata se rompa e o copo de ouro se parta, antes que o jarro se quebre na fonte a roldana rebente no poço, antes que o pó volte à terra de onde veio e o***

espírito [=alma] volte a Deus que o concedeu.» (Eclesiastes 12,1,6-7)

Significado da morte.

Com a chegada da morte cessa o tempo de merecer e desmerecer e a possibilidade de converter-se (sentença certa).

Esta doutrina da Igreja elimina a doutrina dos "origenistas" que defendiam que os homens e os anjos condenados acabariam por se converter e finalmente possuiriam a Deus. Diz o Magistério da Igreja em Denz. 211 ***«Se alguém disser ou sentir que o suplício dos demônios e dos homens é temporal e que terá fim algum dia, verificando-se a restituição e reintegração dos demônios e dos homens ímpios, seja anátema.»*** Vigílio, Papa (contra Orígenes)

Também elimina a doutrina da "transmigração das almas" ou reencarnação muito difundida, segundo a qual a alma depois de abandonar o corpo atual, entra noutro corpo distinto até encontrar-se totalmente purificada para conseguir a bem-aventurança.

O sínodo de Constantinopla no ano 543 DC reprovou esta doutrina; Dz 211. É doutrina fundamental da Sagrada Escritura que a retribuição que se recebe na vida futura dependerá dos merecimentos ou desmerecimentos adquiridos durante a vida terrena. Segundo Mt, 25,34ss o soberano Juiz faz depender a sua sentença do cumprimento ou omissão das boas obras na terra. O rico Epulão e o pobre Lázaro acham-se separados no mais além por um abismo insuperável (Lc 16,26). O tempo que se vive sobre a terra é "o dia", o tempo de trabalhar; depois da morte vem a "noite", quando já ninguém pode trabalhar" (Jo 9,4).

S. Paulo ensina : ***«Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal»*** 2 Cor 5,10. Por isso nos exorta o

Apóstolo a fazer o bem **«enquanto temos tempo»** Gal 6,10; cf Ap. 2,10.

Assim com a morte termina para a alma o tempo de proba ou o "estado de viajante" e penetra para sempre no "estado final ou eterno" aonde já não pode merecer nem pecar. Com a morte se chega ao estado de término, que permanecerá imutável por toda a eternidade. Mais além da morte não existe possibilidade de mudar o destino que o homem mereceu ao morrer.

A Morte, o Moribundo e a Família.

É dever dos familiares fazer tudo quanto é possível e está ao seu alcance para salvar a alma do moribundo sob pena de pecado grave ou mesmo mortal.

É conveniente chamar o Sacerdote para que o enfermo ou moribundo receba a absolvição dos seus pecados, apenas iniciada a gravidade da situação ainda que não exista, todavia, perigo de morte próxima.

Infelizmente, existe um miserável e estúpido costume, anticristão [***que a tantas almas terá custado a sua salvação eterna***] de só chamar o Sacerdote no último instante, alegando os familiares que não se pode melindrar o enfermo falando-lhe de confissão ou extrema unção, chamando para isso o sacerdote pois poderia induzir o doente que está próxima a sua morte. Este é um dos maiores crimes que se podem cometer, daqueles que clamam vingança ao Céu e que não ficarão sem castigo já neste mundo e depois no outro. Existem famílias tão néscias e insensatas que preferem que o enfermo vá tranquilamente para o inferno sem assustar-se, do que ir para o Céu, mesmo que para isso se lhe deva dizer, caritativamente, a verdade. Isto é o cúmulo da cegueira e insensatez! Ai dos que tenham sobre a sua consciência semelhante crime. Terão que dar contas terríveis a Deus...

«... morrerás sem te dares conta? Quem são os moribundos inconscientes? Chamo eu assim, aqueles desgraçados que, gravemente enfermos, mas enganados pelos seus parentes, ocultam-lhes a gravidade da sua enfermidade e a aproximação do seu fim, não sabem que vão morrer até que morrem; nem caem na conta que vão ao Juízo de Deus até que estão nele. Seus parentes e amigos, seu Pai, sua Mãe, seus irmãos, cruéis e ímpios apesar de vê-lo a caminhar para a morte, para não alarmá-lo, não o avisam, nem lhe trazem um Sacerdote, nem lhe procuram os últimos sacramentos, nem o avisam que se prepare. Oh, Que terrível desgraça e terrível castigo do Justo Juíz, que permite que os próprios amigos e parentes sejam cúmplices criminais da condenação de tantos moribundos! Quem dirá os que se condenaram porque seus parentes não lhes avisaram a tempo que recebessem os sacramentos?...» P. Vilarinho, Caminhos da Vida, nº 11, Como se morre.

Advertimos, por outro lado, que a recepção dos santos sacramentos em perigo de vida é um verdadeiro mandamento da Santa Igreja, que obriga tão gravemente, como ouvir missa aos domingos e dias festivos. De maneira que o enfermo grave que recusa recebê-los ou os familiares que para não o assustar ou por qualquer outro pretexto estúpido não o avisam a tempo - sobretudo se o enfermo não se dá conta por si mesmo de que está gravemente enfermo - cometem, sem dúvida alguma, um verdadeiro pecado mortal. (Cf Royo Marin , Teologia da Salvação, A morte, nº 179).